Scenas da Foz

Camilo Castelo Branco



MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Scenas da Foz

Camilo Castelo Branco

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano and the Online Distributed Proofreading Team at http://www.pgdp.net (This book was produced from scanned images of public domain material from the Google Print project.)

SCENAS DA FOZ

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

SOLEMNIA VERBA.

ULTIMA PALAVRA DA SCIENCIA.

O X DE TODOS OS PROBLEMAS DO CORAÇÃO.

OBRA IMPORTANTISSIMA PARA TODOS OS SEXOS,
MASCULINO,
FEMININO, E NEUTRO,
E ESPECIALMENTE PARA AS COZINHEIRAS.

EM DOZE VOLUMES; SENDO O PRIMEIRO:

SCENAS DA FOZ

POR

JOÃO JUNIOR.

SOCIO DA PHILARMONICA, E IRMÃO DA ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO.

2.ª EDIÇÃO.

PORTO:

EM CASA DE CRUZ COUTINHO--EDITOR,

Rua dos Caldeireiros, n.os 18 e 20.

1860.

PORTO--TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA,

Largo do Laranjal n.º 4.

JUIZO CRITICO.

(DA PRIMEIRA EDIÇÃO.)

Li, como editor, e reli, como critico, as SCENAS DA FOZ do snr. _João Junior_. Declaro que encontrei uma serie de scenas, que tanto podiam ser de S. João da Foz como de Freixo-de-Espada-á-Cinta. Entretanto, os quadros comicos são desenhados com um pouco mais sal que um artigo de fundo. Os episodios funebres estão escriptos em

estylo de cavallo de carruagem, como dizia _Voltaire_.

Outro sim declaro, que não vi neste livro doutrina, palavra, phrase, ou virgula, que destoe dos maus costumes da época em que é escripta. Como cousa offerecida á humanidade, a offerenda é digna da deusa e do sacerdote.

Porto 2 de Junho de 1857.

O EDITOR,

Camillo Castello Branco.

DEDICATORIA.

Á ESPECIE HUMANA INCLUSIVE OS BARÕES.

Senhora! O sacerdocio da imprensa, cuja invenção se deve a um agiota do seculo XIV,[1] é a mais augusta das funcções, depois da «Arte de cozinha». Ocioso seria provar esta atrevida proposição, quando os exemplos saltam como camarões em terra secca. A rotundidade dos abdomens, e a estupidez prodigiosa dos proprietarios dos ditos, senhora, é a mais persuasiva prova de que a culinaria tem sobre a imprensa a primasia disputada por alguns sandeus que se deixaram morrer de fome, embebecidos, no paradoxo da sciencia.

Sem embargo, porém, desta verdade, que palpita como um aneurysma, eu não posso deixar de reconhecer as grandes vantagens que podem provir a v. exc.ª da mirifica invenção dos typos.

Senhora! eu sou um desses poucos bipedes que reagem, por instincto,

contra os quadrupedes que gratuitamente se dizem meus irmãos. Saturado de estudos longos e substanciosos sobre a alveitaria, tenho querido organisar um _Manual de pharmacia_, dedicado ao utilissimo curativo de alguns desses meus irmãos, que me ameaçam as tibias, quando a dôr do alifafe moral os faz pinotear desencabrestadamente.

Neste intuito, cuja extensão eu deixo á penetração de v. exc.ª, confeiçoei algumas receitas, que puz em systema pathologico, subordinadas a bases symptomatologicas, palavra grande que v. exc.ª soletrará de seu vagar.

Senhora! A hygiene moral, depois de Broussais, tem feito progressos que demandam um compendio novo, e uma diversa iniciativa no systema de applical-os com aproveitamento.

O romance, senhora, é a mais proficua das pharmacias, porque neste laboratorio douram-se as pilulas com maravilhosa limpesa. O romance, caldeado na forja onde Voltaire assacalou as armas com que feriu no coração o «ridiculo» de v. exc.ª, n'aquella época, será, se me não engana o muito amor da humanidade, um sodorifero por meio do qual faremos transpirar as muitas fezes que v. exc.ª traz no sangue, e das quaes se originam muitos miasmas de febre da pouca vergonha, para a qual não ha quarentena possivel, nem conselho de saude, por ventura o mais necessitado, na presente conjunctura, de ser esfregado com as baêtas da zombaria.

Pelo que: considerando maduramente quão proveitosa devia ser a v. exc.ª a divulgação de trabalhos que o zelo da minha especie me impoz, ouso recorrer á egide da sua protecção, offertando-lhe o primeiro da serie de livros que vou atirar á humanidade.

Senhora! Fiquemos aqui, se lhe parece.

[1] Preparo uma dissertação a este respeito.

SCENAS DA FOZ.

LIVRO PRIMEIRO.

A SORTE EM PRETO.

I.

Em 1825, morava na travessa do Caramujo, em S. João da Foz, uma familia de Amarante, que viera a banhos, e constava dos seguintes membros:

Pantaleão de Cernache Tello Aboim de Lencastre Maldonado e Sousa Pinto de Penha e Almeida. Sua mulher, D. Amalia Victoria Rui da Nobrega Andrade Vasconcellos Tinoco dos Amaraes. Sua filha, Hermenigilda Clara, com todos os appellidos paternos, e cinco de sua mãi. Duas criadas graves. Uma cozinheira, casada com o lacaio. Um escudeiro preto. Um gallego adjuncto á cavallariça. Dous cães de lobo; e, finalmente, uma cadellinha atravessada de cão d'agua e galga.

Eu, João Junior; que estas cousas ponho em escriptura para memoria eterna, morava na rua de Cima de Villa, e da minha janella vi muitas vezes na sua o snr. Pantaleão, homem côr de lagosta cozida, com cabelleira azulada pela acção do tempo, olhos refegados com debrum escarlate, papeira ampla como a dos _cretins_ nos Alpes, e nariz poliédro como uma castanha do Maranhão.

A snr.ª D. Amalia, se bem me recordo, era uma serpente. Orelhas,

nariz, queixo, e todos os districtos da cara (nesse tempo eram comarcas) era tudo aguçado e verrugoso, como uma mólhada de nabos velhos, em que as fitas amarellas da touca representassem a rama das nabiças.

A menina Hermenigilda tinha cara de seraphim de côro d'aldeia: gorda e vermelha, cheia de vida estupida, olhos grandes como bogalhos, dentes anarchicos mas brancos como o seu nedio pescoço, braço rico de tecidos cellulares, rendilhado de tumidas veias vermelhas, onde borbulhava o sangue cruorico de felicissimas digestões de cabeça de porco com feijão branco.

Os servos não me lembra bem como tinham a cara, excepto uma das criadas graves, que diziam ser filha bastarda d'um frade bernardo, irmão do snr. Pantaleão. Eu fiz tres dias descabellado namoro a esta rapariga, que tinha setenta e seis pollegadas. Ao quarto, vi-lhe um calcanhar aberto como ouriço velho, e desanimei.

De quem me recordo muito é do escudeiro preto, que tinha a cara mais velhaca da raça de Ismael. Assobiava com perfeição a _Marìa Caxuxa_, e jogava a marrada magistralmente com o gallego, supplementar aos machos da liteira, deixando-o quasi sempre estatellado no chão em fórma de meia-lua. E muitas vezes vi eu com estes olhos invejosos a menina Hermenigilda a brincar com o preto na sala, onde eu podia devassar estes innocentes brinquedos. O gosto d'ella era puxar-lhe a carapinha, e o gosto d'elle era, ao que parece, dar-lhe surras, que terminavam sempre quando a mãi, ou o pai, ou alguma das criadas appareciam no limiar da porta da sala.

Um meu amigo visitava esta familia, e d'ella soube eu que o snr. Pantaleão era senhor de casa vinculada, e a snr.ª D. Amalia tambem

era morgada, e a snr.ª D Hermenigilda, por consequencia, uma opulenta herdeira. Soube mais que o snr. Pantaleão remontava a sua fidalguia a uma personagem importante na dynastia goda, e não me recordo bem se era Athanaulfo, ou Roderico.

A genealogia da mulher diziam lá em casa que era a mais antiga da velha Lusitania, e contavam maravilhas de seus avós na India, e na Amarante. A herdeira, por segunda e inevitavel consequencia, tinha nas veias doze canadas bem medidas de sangue gothico, e por isso, a architectura externa fazia lembrar Orense ou S. Thiago de Compostella.

Entre os rapazes meus conhecidos da provincia, o meu inseparavel companheiro dos passeios a Carreiros era um mancebo de trinta annos, que tem hoje os seus sessenta e um, e está litteralmente escangalhado, como eu que o digo. Então era elle esbelto, e galhardo, amigo de mulheres novas e vinho velho, como Byron, que elle vira no theatro de S. Carlos em 1813, e affirmava que bebeu com elle uma garrafa de aguardente de canna no _Nicóla_, botiquineiro do Rocio. Parece-me pêta, porque Byron, se emborcasse uma botelha de aguardente em Portugal, não nos chamava _barbaros_. Paiz onde um inglez se embebedar, será sempre um paiz civilisado.

Como quer que seja, o meu amigo provinciano era homem do _grande mundo_. Chamava-se Bento de Castro da Gama, e não sei que mais. Era natural de Cabeceiras de Basto, filho segundo da casa denominada do _Olho-vivo_, não sei porque derivação.

Seus pais mandaram-no estudar latim e logica no seminario de Braga. Bento corrompia o porteiro, e sahia de noite, a provar que a logica, sendo a arte de bem pensar, não exime um fraco mortal de pensar o

peor que é possivel. D'essas envestidas nocturnas á moral, resultou um escandalo em casa d'um chapelleiro da _Senhora á branca_, e o seductor teve de fugir do seminario, onde estava debaixo de olho, pendurando-se para a rua nos lençoes.

Contava elle que o pai lhe abanara as orelhas, em quanto a mãi lhe preparava algumas tigellinhas de gelêa de mão de vacca, para o indemnisar das succulentas bochechas que deixara no seminario, emmagrecidas sobre o Novo Methodo do Pereira; e o desabrido Genuense.

A casa paterna era estreito horisonte para o nosso amigo. Uma bella manhã fugiu de casa, veio ao Porto, e assentou praça em infanteria. O pai, sabendo-o, mandou-lhe os documentos para se habilitar a cadete, e estabeleceu-lhe avultada pensão para se habilitar a exercer todas as travessuras e maroteiras de que o seu caracter era susceptivel. Em seis mezes de praça estivera tres na cadeia, por causa de varios sôcos com que mimoseou os sargentos do corpo. Pediu a baixa, deram-lh'a promptamente, e recolheu a casa, onde não encontrou já vivo o pai.

Pouco depois, morreu a mãi. Bento de Castro pediu por conta da sua boa legitima alguns mil cruzados, foi gastal-os em Lisboa o melhor que pôde, e tornou para casa, onde o irmão morgado o recebeu de braços abertos.

N'esse tempo é que eu o conheci na Foz, onde viera pela primeira vez a banhos, em 1825. Relacionei-me com elle na caça das gaivotas, e convivemos alguns mezes na sua casa de Cabeceiras de Basto. Passavamos ahi excellentes tardes no convento de Refojos, onde elle tinha tres tios, que eram santos varões, doutos, e alegres. Ahi conhecemos José Pacheco d'Andrade, morgado de uma casa illustre,

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com